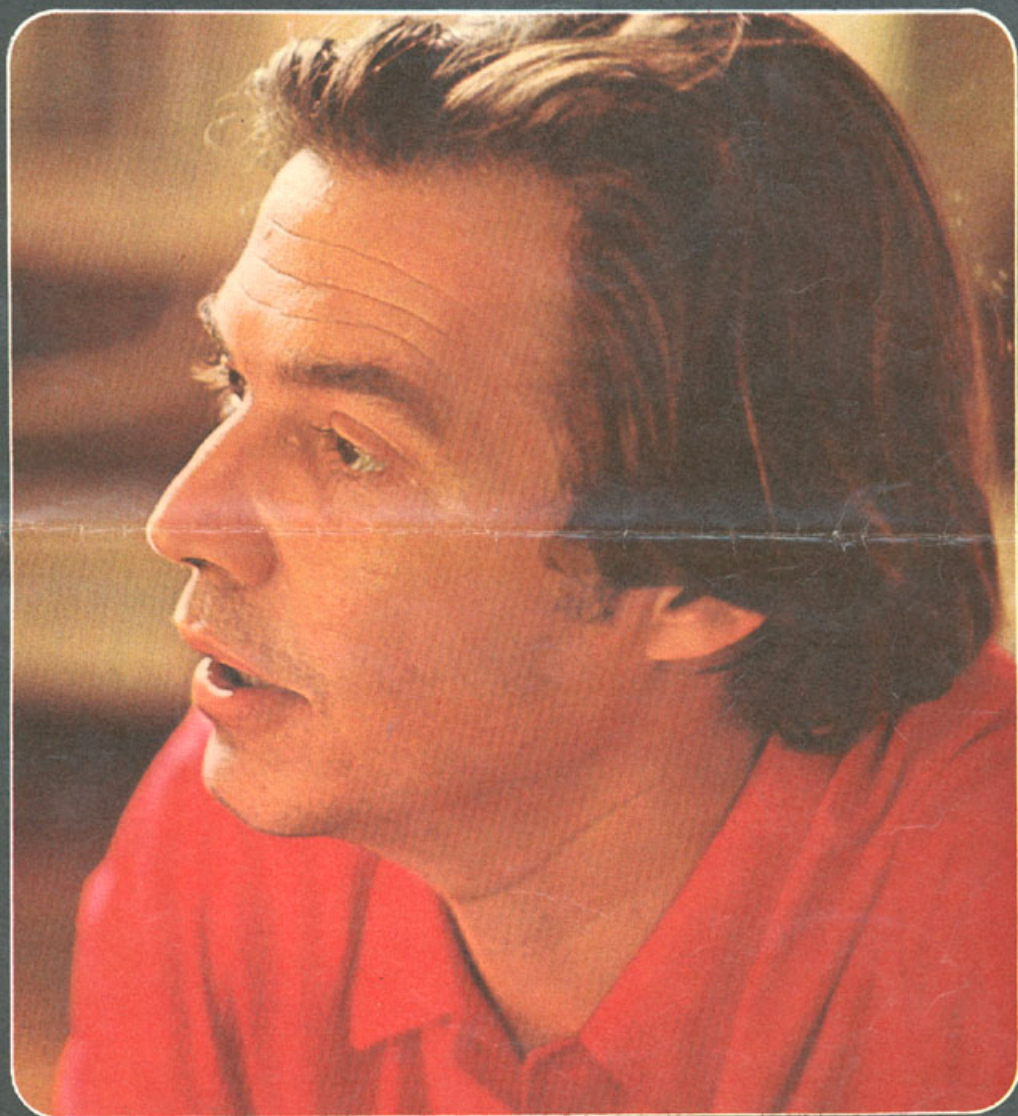


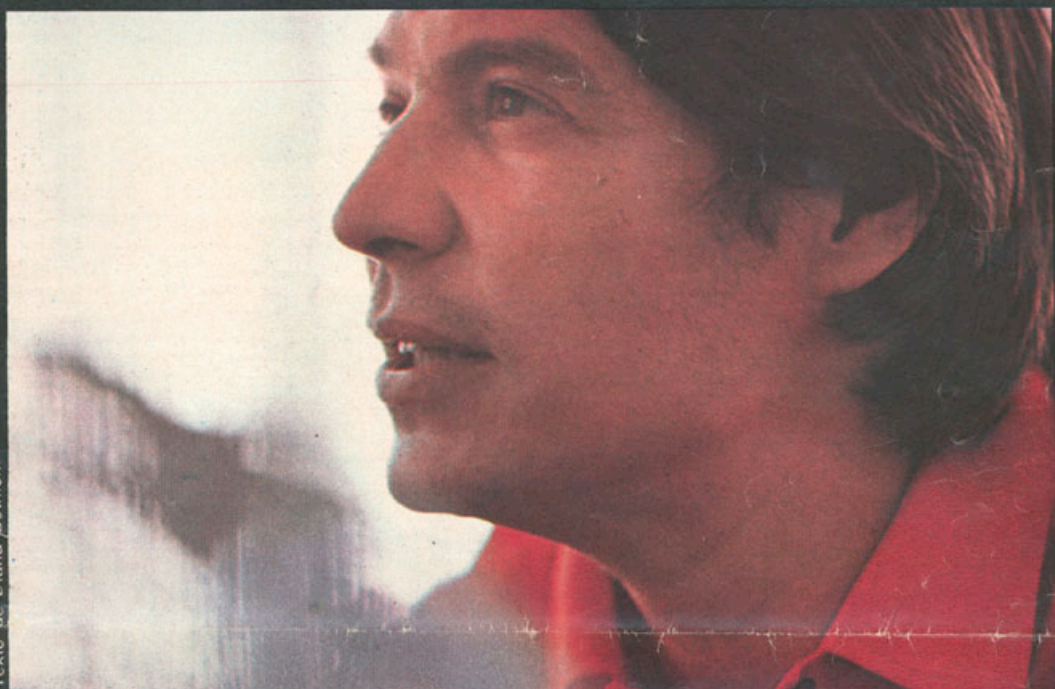
Quebrada

N.º 382 — JANEIRO — Cr\$ 2,50



**PORQUE O TOM É NOSSO
DÉBORA DUARTE, O CHARME PAULISTA
E VOCÊ VAI SABER O QUE ACONTECERIA
SE OS HOMENS FÓSSEM MÃES**

O TOM DA



Texto de Diana Bethlem

VERDADE

O público tem recebido uma imagem falsa de Tom Jobim como pessoa. Fala-se de um cara fechado, que detesta falar sobre si mesmo. Mas, na realidade, recebendo em sua casa, aliás muito sóbria, ele faz um *charme* simpático. Ri. Movimenta o corpo com desenvoltura enquanto solta as idéias, parecendo às vezes um pouco inconsequente, outras preocupadíssimo com o destino de tudo. Falando de música, guerra, poluição, amor e *hippies*, transmite suas impressões por imagens, trazendo quem o escuta para o ponto essencial de tudo. Sempre descobre uma saída original para as coisas mais banais. Ele mesmo diz que vai ser o primeiro a descobrir um livrinho inédito, quando todos tiverem seguido a mesma Bíblia. Tom tem 43 anos, dos quais 20 de casamento. A família não participa da boêmia do Rio. Foge dos jornais e revistas para preservar a calma, que se sente logo na entrada. Na sala, o piano sempre aberto e cheio de partituras. Ao lado, um jornal desfolhado pelo chão mostra um pouco da vivência do artista. Es-

pera-se alguns minutos. A entrevista é numa espécie de saleta, com móveis modernos, quadros *pops*, gravadores, discos e livros. Ele aparece sorridente. Faz um ambiente com música e Coca-Cola e se chega com duas das últimas gravações: *Tide* e *Stone Flower* (Flor de pedra). Um folheto indica que *Stone Flower* está em 24.º lugar nas paradas de sucesso americano. As duas melodias seguem o gênero *baião*. O resto é muito papo. Tom vai criando mil respostas para uma simples pergunta. Na maioria das vezes sacode e dá a volta por cima. E fica difícil seguir o seu ritmo.

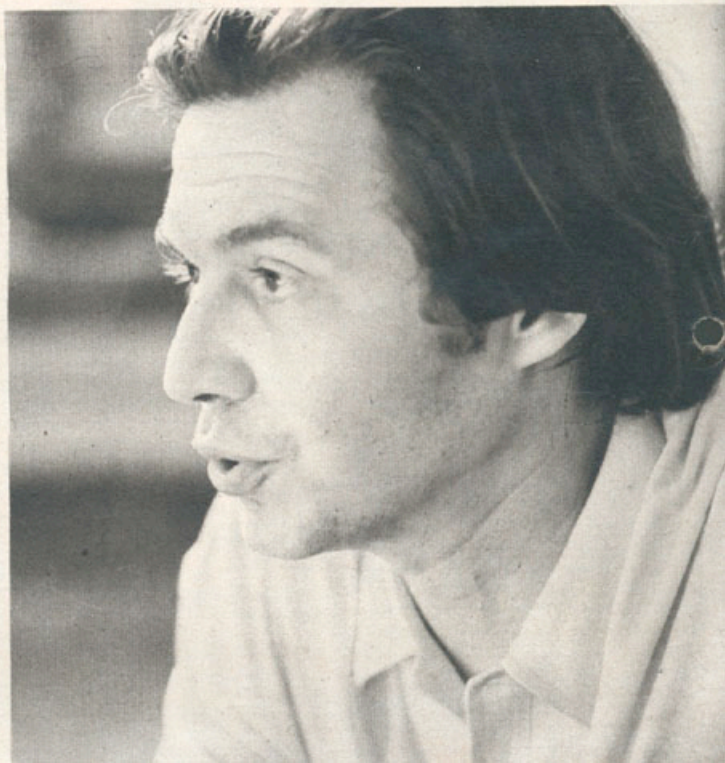
Numa análise mais profunda, Tom é um misto de poeta, profeta e menino. Mas é sobretudo e sempre o homem amoroso, amigo, simples, responsável e preocupado. Cheio de certezas e incertezas. Mais definitivamente, um homem fora de série. Falando sobre o mundo, Tom, mesmo profetizando pessimismo, é o menino assustado, sempre procurando essas coisas que só se faz com muita paciência, habilidade e muita criatividade. Com estes valores

Tom construiu o seu Universo, a sua Música. Diz ele:

— Componho nos poucos momentos de paz, e só tenho paz nos momentos em que componho.

Um personagem de Cecília Meirelles diz: — *A vida humana resume-se na busca do prazer, no seu temor e sobretudo na insatisfação dos intervalos. Quem se recusa ao prazer, quem se faz de monge, em qualquer sentido, é porque tem uma capacidade enorme para o prazer. É uma capacidade perigosa. Dai um temor maior ainda.*

E para os que acham Tom um acomodado, saibam que esta verdade nele se processa com relação ao sofrimento. Como homem extremamente sensível, consciente e bom, sofre com os outros e teme pelo destino da humanidade e pela situação do mundo. E cria na insatisfação dos intervalos. Para os jovens que cobram dele uma participação na transformação do mundo através do protesto e da denúncia, ele diria: — *Se eu tivesse capacidade de interferir, de al-*



Tom está muito feliz de ter voltado, embora volte sempre com angústia, pelas tristezas que encontra. Tem medo do que possa acontecer no futuro, porque o presente ele vê com pessimismo. O destino do homem é a destruição e sua música serve para trazer a paz

O TOM DA VERDADE

guma forma, o mundo não seria como é. E não acredito que se possa fazer alguma coisa pela sociedade, através da música, contra a máquina que carrega o mundo, a máquina que agora mastiga e cospe o indivíduo e os valores humanos.

— O homem está crente de que tem um carro para servi-lo e não vê que acontece o contrário. É ele que está ali todos os dias comprando acessórios e gasolina.

A máquina serve à modernização do mundo, mas não ao homem, ao verdadeiro progresso. Enquanto houver a competição, a vaidade, a ganância desenfreada entre as nações e os homens, não se pode construir nada. E com aquele jeito de menino, diz:

— Não tenho nada a ver com esse mundo aí. Ele não tem jeito de coisa nenhuma:

— *Tom, na entrevista ao Carlos Lacerda, você parece muito mais preocupado com o problema da poluição do que com o problema político, social ou econômico da América Latina.*

Éle faz um ar sério.

— Eu não acredito muito nas idéias. Na prática das idéias. Seria preciso primeiro reformar o homem, senão a gente sai de um erro para cair noutro. Eu acho que o Brasil caminha para o ideal americano. A sociedade de consumo. Duvido muito que se consiga fazer mudanças essenciais. Por isso eu me preocupo com a destruição da Natureza e a sobrevivência do Homem. (E, citando Drummond, éle completa sua idéia)

— Inabitável, o mundo se torna cada vez mais habitado. E se os olhos reaprendessem a chorar, seria um segundo dilúvio. Mas, apesar de tudo, éle não é um romântico nem um revoltado, nem força nenhuma atitude para parecê-lo.

— Muita gente acha que o negócio então seria ir para o mato plantar chuchu, ou criar coelhos. Mas êles acabam sendo engolidos pelas grandes fazendas adubadas, detelizadas e mecanizadas. Ninguém pode viver como índio hoje em dia. Foi-se a época das matas e passarinhos. Olha, nos Estados Unidos eu vi rapazes e moças irem para o interior criar uma comunidade e plantar para viver. Uma coisa linda. Mas, depois, cai uma geada e êles vão pedir socorro à máquina. Precisam do inseticida e dos remédios. Não se pode pensar em agricultura sem mecanização.

Levando o assunto para o lado profissional, é comum se ouvir que Tom tem aversão ao palco. Sofre em cada apresentação e, geralmente, se defende com um copo de uísque.

— *Você, como artista, deveria aparecer mais em público. Por que não? Medo?*

— Olha. Isso de medo todo artista tem. 'Cansei de ver mãos trêmulas antes de entrar no palco.

— *Mas você já é aceito.*

— Ninguém é aceito no Brasil. Criam-se,



imagens falsas para o público. E quando não se corresponde a elas, êles vão para a TV e dizem: — *O Tom não quer nada com a gente.* Ora, já apareci muito em televisão. No momento não vou porque estou trabalhando. E cansado.

E com tristeza e preocupação, diz:

— Quem se nega a vestir a máscara ou a fantasia está condenado. A máquina publicitária transforma todo estilo, todo protesto em objeto de consumo. E quando éle se desgasta, quando passa a faturar menos, é preciso fabricar outro e sempre outros. Por isso, a verdadeira inovação, a verdadeira expressão é tão rara. Hoje se vence através do desafio, da ameaça ou da bajulação, e às vêzes com muito pouco talento.

A conversa toma o caminho da música. Tom tem uma visão pessimista, quanto à maneira das pessoas hoje em dia ouvirem música:

— Ela é ouvida no rádio do carro, na televisão, no cinema, como fundo de bate-papo, há os que a procuram para dançar, para se excitar e para se dopar.

E parece que o problema de Tom é que éle faz música, pela música, para ser ouvida na calma.

— *Tom, você ouviu Tony Tornador, Mocotó e essa turma nova. Qual o paralelo que se pode estabelecer entre êles e Caetano,*

principalmente, quanto às letras terem menos significado?

— Não ouvi Mocotó nem BR-3. Sabe por quê? Atualmente, passo o fim de semana fora. (Êle dá uma virada no sofá e faz uma expressão muito viva). A minha vontade é fazer um rancho nas nuvens, regar o barracão da estrada, até não dar passagem, para ter um pouco de paz. E comprar um jipe. (Levanta-se animado para colocar outro disco). Essa das letras serem pobres. (Êle define, citando uma poesia. Que quer a alma? Perder-se).

— *Tom, o que se poderia aproveitar ainda do nosso folclore para a música brasileira?*

— (Uma expressão perdida...) Tem muita coisa. Eu não faço pesquisa de folclore. Mas tem muita coisa. O regionalismo do Brasil está-se perdendo. E daqui a pouco você vai ver o mineiro, lá do interior, falar do mesmo jeito que o *speaker* da televisão. Na minha opinião, a melhor música brasileira é o resultado de tôdas essas origens portuguesas, africanas... o resultado disso tudo... É muito melhor partir daí, do que tentar fazer a música de lá, onde a técnica é superior. Tenho gravações de Villa-Lobos que nunca se ouviu no Brasil. Se éle não tivesse ido para fora, nunca ninguém saberia quem foi Villa-Lobos.

— *Tom, quanto você ganhou naquela trilha sonora, em Londres, em comparação com o tempo de trabalho aqui? Quantos anos você precisaria para ter o mesmo no Brasil?*

— Olha (E faz um sorrisinho de quem vai escapar). Todo mundo vinha para mim, quando cheguei, com essa história de dólares. Mas isso só é importante quando você não tem dinheiro. Pra mim não teve. Sai do Brasil, com um pontapé do Itamarati, aos 36 anos, porque êles me pediram para divulgar a música brasileira no Concerto de Carnegie Hall, em 62. Eu não estava com vontade de ir. E se eu tivesse ficado lá, hoje estaria milionário.

— *Quem do pessoal de música, na sua opinião, se está realizando no Brasil?*

— O Roberto Carlos, você não acha? O Simonal também.

— *Como é que você se sente trabalhando aqui?*

— Olha. O Rio é uma cidade... (alguns segundos de procura, com uma expressão de quem vai agarrar a presa)... DISSOLVENTE. Aqui eu conheço todo mundo. O telefone não pára. A gente tem que fechar a janela para olhar para dentro. Basta dizer que eu senti mais calma em Nova York do que no Rio. Lá era verão. Sem ninguém. A Quinta Avenida fechada, porque era Dia da Arvore e os meninos organizaram uma festa. Eu sozinho no meu quarto de hotel. Não é preciso estar em nenhum lugar na hora de compor. Você só precisa de paz.

O TOM DA VERDADE

— Onde seria perfeito para se viver?

— Não sei. Sabe do que eu gostaria? De andar de jeque no espigão, dono de tudo que não posso.

— Tom, você entra nessa linguagem do estou na minha, ou estou na dêle?

— (Risinho irônico) Você sabe, estar na minha às vezes parece um negócio tão pobre! Será que vale a pena você viver só para si, sem pensar no outro?

— E como é que foi a sua infância?

— Muito instável. Minha mãe me teve com 16 anos. Meus pais se separaram quando eu tinha um ano. Meu padrasto foi um grande apoio para mim e me fez estudar piano. Eu achava que música não levava a nada. Queria jogar futebol. Ir à praia. E também pensava em estudar arquitetura; larguei-me depois do vestibular.

Nessa época dos 18 anos, Tom já namorava Teresa, desde a época do ginásio. E quando ele aparecia no colégio para buscá-la, as colegas ficavam tôdas transtornadas.

A empregada interrompe. Vem avisar que Paulo Soledad e Carlinhos de Oliveira estão esperando o Tom para almoçar no Antonio's. Ele diz que depois telefona. E logo, para surpresa de todos, Teresa Jobim abre discretamente a porta e com um rosto bonito pergunta se alguém quer mais Coca-Cola. A filha de 13 anos também passa olhando de lado. São 4 horas. A casa fica movimentada. Entra o padrasto e dá as últimas sobre documentos de viagens e outros probleminhas de vida comum. Uma boa hora de falar dos filhos:

— Não. Meus filhos detestam esse negócio. Estão ótimos. O menino está com mais de 1,80, de olhos claros e a menina também é formidável.

— Qual seria a sua atitude se você soubesse que eles estavam fumando maconha?

— Você está muito prafrentex (Sorriso). Um tóxico. É um tóxico. É um tóxico. Na minha época de adolescência, o pessoal de música já estava de cabelo comprido e com muita maconha. Este pessoal, agora, está procurando uma simplificação que não existe. O mundo continua igual, fazendo amor e guerra.
E continuando:

— O garoto está fazendo música, mas escondido, com o pessoal do Caymmi. Já é uma carga grande ele ser conhecido através do pai. Você já pensou no problema do filho de Frank Sinatra, quando a imprensa se aproxima e começa: Como é? Vai ser tão bom quanto o pai?

— Você ainda bebe muito?

— Não. Essa é a tal história da imagem falsa... (e com um sorriso irônico)... Bebo socialmente.

— Tom, você parece que gosta muito de ler?

— A vida de hoje não está dando pe pra leitura. Tudo vai muito depressa. Tenho lido no sítio, nos fins de semana, um pouco de Fernando Pessoa, Guimarães Rosa e sempre Drummond.

Entre os discos de Tom, vários são de Jimi Hendrix. Ele comenta com um ar sério:

— Gosto muito dêle. Mas o caso é que se matando deixou o exemplo para os outros.

— Qual o seu signo, Tom? Você acredita nisso?

— Mais ou menos. O meu signo é Aquário.

— Já jogou na loteria?

— Sem querer. Me telefonaram de uma revista dessas, pedindo a minha opinião. Foi a única vez.

Pausa. Vamos fotografar... Tom traz várias camisas coloridas e veste uma vermelha, para explorar os lugares da casa. Varandas, estúdio cheio de quadros dos filhos, flautas e seu amigo, um violão. Várias tomadas geniais dêle rindo, contando piada e sério também. Parece um garoto com vontade de brincar um pouco. Mas não demora muito e as coisas se complicam. As fotos acabam e o artista oferece uma carona muito simpática. Está quase na hora de sua análise. Descemos uma escadaria. Tom começa um papo angustiado, lançando perguntas para a humanidade inteira parar e responder:

— Estou cansado destes papos, que, afinal, só trazem angústia. Acho que estou ficando velho... Sabe o que é? A coisa começou nos tempos que eu tocava nos inferninhos. Convivia com bêbedos, drogados, prostitutas e leões-de-chácara. Até crime acontecia. Hoje, vejo os jovens fazendo as mesmas besteiras que eu fiz. Correm com o carro, se matam e matam os outros... O mesmo porre, a ressaca e o mesmo arrependimento. Quando eu me mudei para a casa do canal (onde mora atualmente), tôda hora tinha polícia caçando marginal. Tiroteio. Minha mulher foi assaltada. Entraram pela casa. Um farwest. Nem na praia, de manhã, a gente se livra. Outro dia um vigia de obra de Ipanema despejou o maior tiroteio em cima de um garoto. Até os jovens se matando. Em nome de tudo se mata.

O jovem fica sem perspectiva, e a gente se desencanta e se apavora. Qual será o fim disto tudo? Um artigo de jornal diz: O homem ainda levará muito tempo para atingir um nível razoável de cultura. Até lá, felizmente, eu estarei morto (gritando).

Este é o Tom das 200 músicas de sucesso, que abriu o caminho da música brasileira em 1959, junto com Vinícius de Moraes e outros. O simples e amoroso de Janela Aberta, Estrada Branca, Se Todos Fôssem Iguais a Você, Chega de Saudade, Caminho de Pedra, Eu Não Existo Sem Você, Canção do Amor Demais, Retrato em Branco e Preto e, a última, Sabiá.



Em casa, ele é um pai amigo, que bate longos papos com Paulinho, seu filho de 18 anos, e com Cristina, de 13. Teresa, a mulher, não gosta da imprensa. Aliás, a família faz questão de não participar da vida social de Tom, criando um mundo à parte

